



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

O ANIMAL RUMO AO MATADOURO: AFINAL, ESTÃO TODOS SURDOS E CEGOS?

Elma da Silva Pereira¹

1. INTRODUÇÃO: Astrid Cabral e os Estudos animais

O presente trabalho objetiva analisar o poema “Surdos e cegos” da escritora amazonense Astrid Cabral. Tal poema está inserido em sua obra poética *Jaula* publicada no estado do Rio de Janeiro, pela Editora da Palavra no ano de 2006. O livro é composto de prefácio e quarenta poemas, muitos deles em versos livres. Nesta análise relacionaremos elementos da teoria literária, mais especificamente relativos ao gênero poesia, com os Estudos animais, dando ênfase às relações entre as personagens: animais humanos e animais não humanos, questão problematizada na coletânea *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica* (2011), organizado pela professora e pesquisadora Maria Esther Maciel, e que nos será imprescindível no desenvolvimento da leitura.

Em *Jaula* (2006) todos os poemas fazem referências à liberdade dos animais, o que demonstra que há um paradoxo no título da obra, a princípio supõe o leitor que os animais na poética estão todos presos em cativeiro, mas no decorrer da leitura, nota-se que todos eles possuem liberdade e são livres na natureza. Assim, também cabe mencionar uma questão importante identificada na obra *Jaula*: de uma forma irônica a autora Astrid Cabral revela que o homem é quem está enjaulado em sua arrogância, crueldade, insensibilidade e superioridade humana.

¹ Acadêmica de Letras/Português e Literaturas da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).
elma2almeidapvh@gmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Também podemos observar que o poema "Surdos e cegos" de Cabral retrata uma temática relevante que giram em torno da expressão do inconsciente humano em relação ao animal, a banalização da morte animal em matadouros, ou seja, a dor desses animais que nada podem reivindicar diante dos atos que os homens praticam, assim como a crítica ao homem que trata o animal/não humano somente como alimento, escravo e gerador de renda. Temas esses que nos levam a refletir sobre o animal, esse Outro que nos parece tão estranho.

Não se pode negar que é fácil perceber que a autora usa de sua escrita poética para defender os animais, escrever sobre suas dores e angústias, o medo da morte, a injustiça feita a eles e seus sofrimentos. São essas as questões que ocupam essa análise.

1.2 Reflexões e críticas sobre alteridade animal: Isso é possível?

Observa-se que muitos estudiosos de diferentes áreas de conhecimento científico, como a literatura, filosofia, antropologia, entre outras, tem se preocupado com a questão animal.

Maria Esther Maciel, em sua obra *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica* (2011) reúne concepções e reflexões críticas de diversos autores, filósofos e antropólogos sobre os conceitos de animalidade e humanidade. Nesse campo de Estudos animais podemos observar que o animal é considerado, em primeira estância, "o Outro", a alteridade mais radical que há; é o que afirma Jacques Derrida e também a própria organizadora da obra.

O animal tem sido visto de modos diferentes por poetas e escritores, sendo que alguns desses autores possuem concepções únicas advindas de sua própria experiência. Segundo Maciel em "Poéticas do animal", os animais são:

Temidos, subjulgados, amados, marginalizados, admirados, confinados, comidos, torturados, classificados, humanizados, eles não se deixam paradoxalmente, ser capturados na sua alteridade radical. Como diz John Berger, "quanto mais julgamos saber sobre eles", "mais distantes eles ficam". (MACIEL, 2011, p.85)



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Podemos observar que através dos estudos sobre os animais surgem questionamentos pessoais de quem está pesquisando, como: será que o animal, ou seja, “o outro” tem suas particularidades e é uma alteridade possuidora de sentido? A esse respeito, cada escritor tem deixado seu posicionamento para eventuais pesquisas. Novamente nas palavras de Maciel que:

[Na literatura] as tentativas de sondagem da outridade animal nunca deixaram de instigar a imaginação e a escrita de poetas e escritores de diferentes épocas e procedências, seja pelos artifícios da representação e da metáfora, seja pela evocação conscienciosa desses outros, seja pela investigação das complexas relações entre humano e não humano, entre humanidade e animalidade. (MACIEL, 2011, p.85)

Ao referir-se de tal assunto em suas reflexões Maciel explica que o animal só possui voz através da poesia e da literatura, ou seja, para se abordar algo sobre os animais, como supostas sensações, é necessário o suporte da escrita, “situação” essa que se torna possível através de escritores e poetas, que se dispõem a estudá-los e escrevê-los de uma forma profunda e singela, respeitando os limites desse outro que nos parece tão estranho.

Conforme Maciel (2011, p.88) há uma reflexão de Heidegger, que relata que “o animal é pobre de mundo, por mais que seja rico de ambiente”, na qual nos deixa claro que o mesmo é privado de *logos*. Não se pode negar que o homem considera-se superior ao animal, classificando-o automaticamente como um ser inferior. Porém, será que o homem é superior ao animal pelo fato de possuir *logos*, ou seja, conhecimento, racionalidade, razão e linguagem verbal? Quem nos garante essa afirmação? Será que esse outro de nossa cultura não possui qualidades que aparentemente foram atribuídas somente ao homem? Ou possui somente instinto animal? Será que o homem é dotado de tal instinto? Ou é uma característica particular do animal?

Acerca desse questionamento sobre o que é animalidade, a autora Dominique Lestel em seu artigo “A animalidade, o humano e as “comunidades híbridas” (2006, p.23) afirma que “É, sem dúvida, uma tarefa vã buscar uma



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

definição de animalidade que permita delinear com precisão tudo o que esse conceito engloba”. Ou seja, não é fácil descrever um animal, pois a própria animalidade evoca limites entre ambos, e tentar igualá-lo ao homem, é uma tarefa árdua, pois cada uma dessas criaturas vivas, tanto o homem como o animal/não humano, possuem características únicas e inerentes a cada um deles.

É preciso reconhecer que, quando começamos a estudá-lo e observá-lo em seu ambiente natural dentro do âmbito da literatura nos causa tanto espanto e ao mesmo tempo admiração. Mas para que tais sensações possam acontecer, é bom lembrar-se das palavras de Fagundes no prefácio de *Jaula*, de que é preciso ter sensibilidade e disponibilidade para abrir as jaulas da arrogância e da falsa superioridade humana, só assim poderemos compreender esse outro melhor.

É certo que devemos entender que, quando Cabral descreve e exalta a liberdade dos animais dentro da natureza em seus escritos poéticos, não se trata de uma mera coincidência, é, antes, uma experiência de vivência da sua infância. Na introdução da obra “Antologia poética de Astrid Cabral”, a autora conta ao leitor que percebeu que:

[...] desde cedo, o agudo contraste entre a natureza selvagem e o requinte urbano implantado com o apogeu da borracha [fez parte da minha vida]. Cresci em meio a jardim, horta, quintal, pássaros e xerimbabos, numa rua em que os bondes da Light passavam cantando nos trilhos. (CABRAL. 2008, p.15)

Não se pode negar que não é nada fácil escrever sobre determinado assunto, principalmente quando o objeto de estudo lhe parece estranho. Porém, para Cabral não foi difícil, pelo simples fato de ela ter vivido neste meio.

Nota-se que a autora tem um enorme apreço pelas plantas, natureza e pelos animais, e isso está claramente descrito em sua poética e pulsa em cada verso e imagem de seus poemas, onde o eu-lírico dá vida e voz a seus pensamentos, e ao mesmo tempo dá alteridade ao nosso objeto de estudo, “o animal”.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Contextualizar o poema não é simplesmente data-lo: é inserir suas imagens e pensamentos em uma trama já em si mesma multidimensional; uma trama em que o eu lírico vive ora experiências novas, ora lembranças de infância, ora valores tradicionais, ora anseios de mudança, ora suspensão desoladora de crenças e esperanças. A poesia pertence à História Geral, mas é preciso conhecer que é a história peculiar imanente e operante em cada poema. (BOSI, 2000, p. 13).

Ou seja, diante dessa afirmação de Bosi, entendemos que, quando contextualizamos um poema devemos saber que existe um tempo, espaço, subjetividade, sentimentos, crítica e ideologias. Na qual devemos lembrar que, em cada poema possui sua particularidade, elementos esses que podem ter um intuito de perpassar e mudar toda uma geração, neste fato deve-se considerar o tipo de leitor e suas experiências de leitura teórica e aprofundada.

Podemos observar que com a autora Astrid Cabral não é diferente, pois sua escrita poética é carregada de vivências de mundo, ou seja, sua vivência amazônica e convivência com os animais durante sua infância, as quais trouxeram a essência de viver para seus escritos poéticos. É absolutamente notável que em cada verso escrito pulsa uma imagem forte do que realmente o eu lírico sente ao descrever os animais, pulsa à flor da pele a sensibilidade humana, e relata algo implicitamente ao seu leitor. E cabe ao mesmo saber decifra-lo com a mesma sensibilidade de quem escreve independente da época que esteja vivendo.

1.3 Afinal, estão todos surdos e cegos?

“Surdos e cegos” é um poema composto de uma só estrofe, sendo que seus poemas, de uma forma geral não obedecem a nenhuma regra, o que equivale a dizer, segundo Goldstein (1986), que é um poema de versos livres. Goldstein relata que “esse tipo de verso é típico do modernismo, vem sendo muito usado a partir da segunda década de nosso século. Num poema em versos livres, cada verso pode ter tamanho diferente, a sílaba acentuada não é fixa, variando conforme a leitura que se fizer.”(GOLDSTEIN, 1986, p.36-37).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Tal poema traz uma crítica ao fato do animal humano não se preocupar com a dor do outro animal. E ainda nesta mesma linha de considerações convém ressaltar que Cabral utiliza de alguns elementos da escrita para escrever sua poesia, como a ironia, característica predominante em sua escrita poética, no poema “Surdos e cegos”, a ironia é uma constante. Eis o poema:

SURDOS E CEGOS

Enquanto distraídos
mastigam sangrentos bifés
entre submissas cebolas
comentam o absurdo
da violência ao cubo.
E homens surdos
não ouvem o berro do boi
conduzidos ao curro.
E homens cegos
não veem o sangue vivo
do boi mungido quente
no vaivém de mandíbulas
entre verdugos dentes. (CABRAL, 2006, p. 57)

O poema será abordado a partir de três aspectos: a *indiferença*, a *surdez* e a *cegueira* do animal humano em relação à vida do animal não humano. Vamos por partes:

Enquanto distraídos
mastigam sangrentos bifés
entre submissas cebolas
comentam o absurdo
da violência ao cubo. (CABRAL, 2006, p. 57)

Observa-se nesse fragmento do poema que o eu-lírico retrata a indiferença do ser humano em relação ao outro, o que se caracteriza pela distração e despreocupação do homem em valorizar a vida do animal, mesmo discutindo violências e atrocidades que acontecem no mundo onde ambos estão inseridos. Os homens estão tão distraídos que passa despercebido o fato de que se alimentam de uma carne extraída de um animal e não percebem que a violência contra o próprio animal já foi feita. Assim, a autora faz sua objetiva crítica a essa indiferença humana.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Tentar estabelecer elos e trazer a tona confrontos entre o animal humano e o outro animal é algo que Astrid Cabral faz, com proeza, em sua obra poética de uma forma geral. É importante reconhecer que nos deparamos com a indiferença e a frieza do homem com relação a esse outro, um animal que não nos desperta nenhum temor ou perigo é sacrificado sem a menor consideração.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix: Edusp, 2000.

CABRAL, Astrid. **Antologia pessoal, 8**. Brasília: Thesaurus, 2008.

CABRAL, Astrid. **Jaula**. Rio de Janeiro: Editora da palavra, 2006.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou** (A seguir). tradução Fábio Luanda. - São Paulo: Editora UNESp, 2002.

DOMINIQUE. Lestel. A animalidade, o humano e as “comunidades híbridas” In: MACIEL, Maria Esther (Org.). **Pensar/escrever o animal**: ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

GIORGI. Gabriel. A vida imprópria. Histórias de matadouros In: MACIEL, Maria Esther (Org.). **Pensar/escrever o animal**: ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

